

Os discursos das pessoas em situação de rua no contato com o literário

The discourses of homeless people in contact with the literary

Patrícia Gonçalves Jorge
Carla Carvalho
Universidade Regional de Blumenau (FURB)
Blumenau-Brasil

Resumo

O artigo trata de uma investigação que aproximou usuários do Abrigo Municipal de Blumenau da literatura. A pesquisa delinea-se como qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994) e como uma investigação-ação participativa (ANDERSON; HERR, 2016), tendo por objetivo analisar os sentidos emergentes da interação entre os usuários do Abrigo Municipal de Blumenau e a literatura. A partir da obra de Bakhtin e o Círculo, fez-se uma Análise Dialógica do Discurso dos enunciados dos usuários do Abrigo no contexto de oficinas literárias. Percebeu-se, nesses discursos, presença de embate de ideias, a relação de alteridade entre usuário e pesquisadora, as vivências anteriores influenciando no modo como se valoriza o literário, o gênero dos usuários determinando o modo como se posicionam. Conclui-se que a literatura guarda potência de reflexão e humanização, sendo a sua presença significativa no contexto investigado.

Palavras-chave: Análise Dialógica do Discurso; Literatura; Mediação Cultural.

Abstract

In this article, it is presented an investigation that brought users of the Abrigo Municipal de Blumenau closer to the literature. The research is outlined as qualitative (BOGDAN; BIKLEN, 1994) and as a participatory action-research (ANDERSON; HERR, 2016), with the objective of analyzing the emerging meanings of the interaction between users of the Abrigo Municipal de Blumenau and literature. Based on the works of Bakhtin and the Circle, a Dialogic Discourse Analysis was carried out on the utterances of the Abrigo users in the context of literary workshops. It was noticed, in these speeches, the presence of contrasting ideas, the relationship of alterity between user and researcher, previous experiences influencing the way in which the literary is valued, the gender of users determining the way in which they position themselves. It is concluded that literature has potential for reflection and humanization, and its presence significant in the investigated context.

Keywords: Dialogic Discourse Analysis; Literature; Cultural Mediation.

Introdução

*A gente aprende com vocês, vocês aprendem com nós, também.
Fala de usuário, Oficina Literária 2.*

A literatura, como manifestação artística, reflete e refrata a realidade (VOLÓCHINOV, 2021), encontra, por intermédio do autor, o enfoque essencial à vida fora dela, criando uma nova visão do mundo (BAKHTIN, 2011a). Isso remete-nos à função cognoscitiva da arte. Sendo um meio de conhecimento (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1968), a arte revela-nos verdades sobre o real que podem não nos ser, a princípio, evidentes.

A epígrafe que abre o artigo remete-se a isso, pois, por acreditar na importância da literatura para o campo da educação, adentramos o Abrigo Municipal de Blumenau, lar de pessoas em situação de rua, para aproximar esses sujeitos de vivências estéticas, por meio de Oficinas Literárias.

No contexto da Oficina, em meio a discussões sobre a ação, surge o enunciado transcrito na epígrafe, no qual percebemos uma relação valorativa de satisfação do usuário para com a Oficina Literária. Diz-nos que, assim como aprendem conosco, pesquisadoras, aprendemos também com eles. Ficou evidente, por meio de sua fala, que enxerga nossa ação como um troca, benéfica tanto para si quanto para nós, o que evidencia a relevância da proposta para quem a viveu. Esta breve análise já anuncia a base teórica e metodologia de análise do trabalho: os estudos de Bakhtin e o Círculo e a Análise Dialógica do Discurso, por meio dos conceitos de dialogismo, alteridade, posicionamento axiológico, entonação.

Este artigo insere-se no contexto de uma pesquisa de mestrado em Educação, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e vinculada ao Grupo de Pesquisa Arte e Estética na Educação (FURB). O objetivo que guia a pesquisa é: analisar os sentidos emergentes da interação entre os usuários do Abrigo Municipal de Blumenau (AMBLU) e a literatura.

Desse modo, após fazer visitas iniciais ao Abrigo, conhecendo assim seu funcionamento, seu espaço, servidores e seus usuários, promovemos entrevistas com usuários interessados por arte e literatura, a fim de corroborar, por meio de suas falas, as escolhas das obras literárias que compuseram as Oficinas. Neste artigo, trazemos alguns dos dados gerados nas Oficinas.

O público do Abrigo é formado por pessoas advindas de diferentes contextos e, geralmente, estão lá há mais tempo sujeitos cujo percurso é marcado pelo uso de drogas e as consequências deste em sua saúde ou, ainda, por pessoas que sofrem de transtornos psíquicos e se veem abandonadas por familiares. Por outro lado, alguns usuários, ao verem-se em uma situação de fragilidade financeira momentânea, recorrem ao Abrigo e lá permanecem por pouco tempo. Uma parte do público trabalha durante o dia e pernoita no AMBLU, por não ter condições suficientes de arcar com os custos de um aluguel, isso significa que, uma grande parte dos usuários, no período diurno, sai do Abrigo em busca de seu sustento, permanecendo no espaço aqueles com a saúde mais fragilizada.

Por meio da vivência dentro do Abrigo, percebemos que os usuários têm acesso a atividades promovidas pela equipe de saúde e assistência social do AMBLU bem como por instituições religiosas, cujo foco é o de, por meio da fé, auxiliar os usuários a reestruturarem suas vidas. Estas instituições também presenteiam os usuários com material religioso e alimentício.

Além disso, ficou-nos evidente, em entrevistas com os usuários, que não só não há atividades educativas ou artística sendo promovidas dentro do espaço do AMBLU, como há interesse, por parte dos abrigados, em participar de tais atividades.

Sabendo disso, entendemos que, para além de compreender como o literário pode relacionar-se à vida de pessoas em situação de rua, como forma de contribuir com a campo da educação em espaços não formais, adentramos o Abrigo também ofertando a esta população atividades promotoras de humanização dos sentidos (MARX, 1978), ou seja, momentos de encontro com o literário. Estas ações têm como foco o encontro com a obra de arte no sentido humanizador e do encontro com o trabalho humano sensível, que possibilita o refinamento dos sentidos humanos. Assim, colocamo-nos como mediadoras culturais no processo, entendendo a complexidade da ação educativa num contexto como este, entendendo mediação cultural, como um processo de promoção de encontro entre fruidor e obra, “de modo ativo, flexível, propositor, atento ao outro”, não protagonizando o processo mas promovendo diálogos para ampliar os sentidos à obra. (MARTINS, p. 2012, p. 47).

Um enfoque dialógico discursivo

Pretendemos, neste trabalho, realizar a Análise Dialógica Discursiva (ADD) dos enunciados, unidades de sentido, produzidos no contexto das Oficinas Literárias, ou seja,

debruçar-nos-emos sobre as relações entre os enunciados e as relações destes com a realidade e com a pessoa falante (BAKHTIN, 2011). Logo, valer-nos-emos tanto de pistas verbais quanto pistas extraverbais – onde e quando o enunciado acontece, o objeto sobre o que se fala, a avaliação dos interlocutores sobre o objeto. Ainda, nossos enunciados são constituídos por outras vozes, por vezes mais, por vezes menos explícitas, daí seu caráter dialógico e daí a importância de identificar tais vozes para compreendê-los (BAKHTIN, 2011b).

A comunicação se dá por meio de enunciados, estes são sempre dialógicos, ou seja, expressam a relação entre diversas vozes e diversos discursos a eles anteriores e suscitam resposta (verbalizada) e/ou compreensão responsiva (resposta que fica restrita ao discurso interior, à consciência) no interlocutor.

A dialogicidade tem estreita relação com o conceito de alteridade de Bakhtin e o Círculo, visto que esta se configura como o encontro entre duas ou mais consciências, o encontro eu-outro. Logo, a compreensão do outro se dá por meio da “transferência do vivenciamento para um plano axiológico inteiramente distinto, para uma nova categoria de valorização e enformação” (BAKHTIN, 2011a, p. 94).

Por se tratar de Oficinas Literárias, os encontros configuram-se em acontecimentos estéticos, em que há o “encontro de duas consciências que por princípio não se fundem [...]” (BAKHTIN, 2011a, p. 81); são encontros constituídos por nós, pesquisadoras, pelos usuários do Abrigo e pelos autores dos textos lidos. Sobre o encontro com o outro, e como este é fundamental, Bakhtin (2011a, p. 80) disserta:

é bom que ele [o outro] permaneça fora de mim, porque dessa sua posição ele pode ver e saber o que eu não vejo nem sei a partir da minha posição, e pode enriquecer substancialmente o acontecimento de minha vida. [...] a simples simpatia dele por minha vida [representa] [...] um enriquecimento substancial do acontecimento, pois minha vida é vivenciada empaticamente por ele em nova forma, em nova categoria axiológica como vida do outro, que tem colorido axiológico diferente e é aceita e justificada diferentemente da própria vida dele. A eficácia do acontecimento não está na fusão de todos em um todo mas na tensão da minha distância e da minha imiscibilidade, no uso do privilégio do meu lugar único fora dos outros indivíduos.

Para Bakhtin (2011a, p. 77, grifos do autor), estética tem relação com acabamento, de modo que o artista enforma aspectos da vida em sua arte, sendo-nos possível captá-la esteticamente:

Essa necessidade interior imanente da vida concretamente orientada da personagem deve ser compreendida e vivenciada por nós em toda a sua força coautora e sua significação [...] numa imagem – transgrediente a essa vida – de forma esteticamente significativa, que está para essa vida não como *expressão* mas como *acabamento*.

No que tange à literatura, entramos em diálogo com as palavras do artista, tendo papel cocriador pois, junto ao artista, também, por meio desse diálogo, criamos a vida, a enformamos, na esfera da produção artística.

Além disso, os enunciados também são sempre axiologicamente determinados, ou seja, expressam a avaliação do falante sobre o objeto de que fala, sendo esta avaliação social evidenciada, no discurso oral, pela entonação (VOLÓSHINOV, 2019b), sendo a entonação, por sua vez, “o aumento ou diminuição do volume da voz, que expressa nossa relação com o objeto do enunciado (de alegria, de tristeza, de surpresa, de questionamento etc.)” (VOLÓCHINOV, 2019a, p. 255, nota de rodapé).

Ainda, os discursos são permeados por ideologia, cuja definição, para o Círculo, encontramos em Volóchinov (2019a, p. 243):

Entendemos por ideologia todo o conjunto de reflexos e refrações no cérebro humano da atividade social e natural, expressa e fixada pelo homem na palavra, no desenho artístico e técnico ou em alguma outra forma sgnica.

O sentido emerge da interação entre interlocutores, da troca de enunciados, explicam Sobral e Giacomelli (2016, p. 1082): “A interação, ou intercâmbio verbal, é a própria base, raiz e fundamento do sentido, porque é nela que acontece a relação entre sujeitos, a interlocução. E é da interlocução que vem o sentido.” Ainda, é exclusivo de uma situação enunciativa, de modo que tem “validade provisória, delimitada, sujeita a ressignificações” (SOBRAL; GIACOMELLI, 2018, p. 403).

Faz parte do extraverbal ao enunciado a chamada situação, ou seja, “a *realização efetiva, na vida real, das diferentes formações ou variedades da comunicação social*” (VOLÓSHINOV, 2019b, p. 269, grifos do autor).

Sobral e Giacomelli (2016, p. 1082, grifos dos autores) explicam a implicância tanto do contexto imediato da comunicação como do mediato:

Por isso, a ADD propõe o nível do contexto imediato, em que se conhecem os lugares (ou papéis) sociais dos interlocutores e a posição de um(ns) em relação ao(s) outro(s). Temos, depois, o nível do contexto social mediato, que envolve o domínio mais amplo das esferas de atividade (ambientes em que agimos

socialmente), do tipo de lugar em que ocorre a interação (escola, “balada”, etc.) e das exigências que o lugar faz, num dado momento, aos participantes da interação.

Bakhtin (2011c, p. 278) nos esclarece que os enunciados são delimitados “de ambos os lados pela alternância dos sujeitos do discurso”, logo, ao longo de nossa análise, além de trazer o contexto extraverbal da produção dos enunciados, transcrevermo-los integralmente, considerando a alternância dos interlocutores.

Nosso olhar para esses enunciados também é duplamente dialógico, pois, ao mesmo tempo em que participamos do diálogo, retornamos às falas dos usuários por intermédio de gravação de áudio, dessa vez, analisando-as. Sobre a relação dialógica que advém da compreensão do pesquisador frente ao seu objeto de pesquisa, Bakhtin (2011b, p. 332) elabora:

A compreensão dos enunciados integrais e das relações dialógicas entre eles é de índole inevitavelmente dialógica (inclusive a compreensão do pesquisador de ciências humanas); o entendedor (inclusive o pesquisador) se torna participante do diálogo ainda que seja em um nível especial (em função da tendência da interpretação e da pesquisa).

Logo, nossa análise dos enunciados dos usuários do Abrigo lhes modifica o sentido, pois, para o autor: “A própria compreensão integra o sistema dialógico como elemento dialógico e de certo modo lhe modifica o sentido total” (BAKHTIN, 2011b, p. 332).

Ainda, recorreremos ao artigo de Sobral e Giacomelli (2016, p. 1092, grifos dos autores), dão pistas metodológicas de como lidar com os dados:

Uma análise da ADD envolve, para dar conta dos dois componentes considerados – a língua e a enunciação –, os seguintes passos: *descrever* o objeto concreto em termos de sua materialidade linguística e de suas características enunciativas; *analisar* as relações estabelecidas entre esses dois planos, o da língua (nível micro) e o da enunciação (nível macro); e, por fim, *interpretar* que sentidos cria a junção contextual da materialidade e do ato enunciativo.

Como geramos dados com pessoas em situação de rua?

Tendo em vista o objetivo desta pesquisa, para nos aproximar dos usuários do Abrigo Municipal de Blumenau e prosseguir com a geração de dados, optamos pela investigação qualitativa, por se debruçar sobre um ambiente natural, ser descritiva e pela análise indutiva dos dados (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Dentro da pesquisa qualitativa, esta pesquisa classifica-se como uma investigação-ação participativa, pois:

[...] implica que um investigador universitário entre em uma instituição ou comunidade para fazer investigação-ação junto com e não sobre os participantes.

Este tipo de investigação-ação se chama investigação-ação participativa (IAP) e provém da tradição latino-americana de Paulo Freire (1968) e Orlando Farls Borda (1991) (ANDERSON; HERR, 2016, P. 5).

Na etapa final da pesquisa, realizamos cinco Oficinas Literárias, semanalmente, iniciando com a primeira em dezembro de 2021 e retomando, no ano seguinte, como consta na tabela abaixo. Ainda, ressaltamos que o descrito aqui consiste em um recorte, de modo que, mobilizamos, neste trabalho, dados gerados nas primeiras quatro oficinais.

Tabela 1 – Data, duração, número de participantes e obra utilizada em cada Oficina Literária.

OFICINA	DATA	DURAÇÃO	NÚMERO DE PARTICIPANTES	OBRA UTILIZADA
OFICINA 1	08/12/2021	1h30	8	<i>Fazer as pessoas rirem e se sentirem felizes</i> , Rubem Fonseca (2015)
OFICINA 2	06/04/2022	30min.	6	<i>Caça-dotes</i> , Nelson Rodrigues (2012)
OFICINA 3	13/04/2022	1h10	8	<i>A empregada do doutor Heitor</i> , Rubem Braga (2001)
OFICINA 4	20/04/2022	1h30	8	<i>O detetive de Florianópolis e O detetive de Florianópolis e o crime da rua João Pinto</i> , Jair Francisco Hamms (2012)

Fonte: as autoras.

As oficinas seguiram um roteiro previamente estabelecido: apresentávamos a pesquisa e o propósito das oficinas; liamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os usuários e coletávamos as assinaturas dos interessados em participar da pesquisa; apresentávamos dados do autor e acerca da relevância social de sua obra; fazíamos a leitura do conto ou crônica selecionada para o encontro, por fim fomentávamos discussões, por meio de perguntas e diálogos. Uma ação sempre foi apresentar-lhes a obra física, compreendendo a responsabilidade de mediador cultural implícita na ação de fazer pesquisa, assim entendendo o encontro com a obra de arte, com o texto, com o autor como parte do processo. Para Mirian Celeste Martins (2012, p. 17), no encontro o mediador “É capaz também de abrir diálogos internos, enriquecidos pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais e culturais de cada produtor/fruidor/aprendiz”. Além disso, acrescentamos que a montagem dos roteiros foi inspirada nas propostas de sequências didáticas de Cosson (2016).

Registramos os dados por meio de gravação de áudios, sendo estes transcritos para que pudéssemos selecionar os enunciados foco desta análise. Para a análise dialógica do

discurso, utilizada neste trabalho, recorreremos aos conceitos de dialogismo, alteridade, posicionamento axiológico e entonação de Bakhtin e o Círculo.

Para preservar a identidade dos sujeitos participantes desta pesquisa, optamos pelo uso de pseudônimos, estes, escolhidos em homenagens a autores de prosa e poesia: João Cabral de Melo Neto, Álvares de Azevedo, Lygia Fagundes Telles, Manuel Bandeira, Ferreira Gullar, Cruz e Souza, Eça de Queirós, Federico Garcia Lorca, Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa.

Por fim, ressaltamos ainda que as ações da pesquisa foram aprovadas por Comitê de Ética sob CAAE de número 48735421.6.0000.5370 e pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social de Blumenau/SC. A seguir, partimos para a seção de descrição e análise dos dados.

A literatura em sua estreita relação com a vida

No momento da transcrição dos dados, obtivemos algumas dificuldades em sua compreensão: o uso de máscara, que sabidamente abafa a voz, a dicção de difícil compreensão de alguns dos usuários ou ainda a distância de alguns do microfone. Desse modo, quando nos deparamos com trechos pouco compreensíveis, indicamos da seguinte maneira: “[inaudível]”. Quando não tínhamos certeza da palavra enunciada, optamos pelo símbolo “[?]” ao lado da provável palavra. Para supressão de diálogos que se intercalaram entre os enunciados de nosso interesse, utilizamos “[...]”. Ainda, interferimos em algumas transcrições, para, entre colchetes, dar detalhes extraverbais dos enunciados bem como trazer informações sobre o diálogo que se vinha travando antes do enunciado sob análise, como uma maneira de contextualizar o leitor sem que precisemos inserir longos diálogos no artigo.

O encontro se deu entre uma das autoras deste texto, pesquisadora da Universidade Regional de Blumenau, de 27 anos e entre os usuários do Abrigo que estavam no local ao tempo da aplicação das Oficinas e delas optaram por tomar parte quando convidados. Os encontros das Oficinas aconteceram sempre pela manhã, entre 9h30 e 12h, tendo os usuários que delas participaram entre 30 e 60 anos de idade. Reunimo-nos em torno de um texto literário curto, do qual a pesquisadora fazia a leitura em voz alta, opção à qual recorreremos, pois uma quantidade significativa de usuários ou possuem problemas de visão e não tem acesso a óculos ou tem baixa escolaridade. Disponibilizávamos,

contudo, cópias dos textos para que os que pudessem e quisessem acompanhar, fizessem-no.

A Oficina Literária 1 girou em torno do conto *Fazer as pessoas rirem e se sentirem felizes* (FONSECA, 2015). Uma de suas temáticas é a solidão. Houve relatos de abandono familiar, de modo que, como o protagonista do conto, alguns usuários viam-se sozinhos. João Cabral, usuário de meia idade, comenta que sua família dispõe de recursos, mas não o auxilia e que, se tivesse acesso a tais recursos, jamais gostaria de voltar ao Abrigo, explicando as condições ruins ali dentro:

João Cabral: *É o que a gente quer e muitos querem, né? [nunca voltar ao Abrigo] Você dormir na cama de beliche, em baixo assim, outro dia você está com as costas parece que levou uma surra.*

Patrícia: *Sim.*

João Cabral: *Mulher, não. A mulher tem a cama sozinha, né, que agora dormir dentro, debaixo de um beliche só, pensa só, um beliche, com um em cima outro embaixo, o cara, ele ronca pra caramba em cima, daí você tem que se entrar lá embaixo, virar a cabeça, botar um monte de algodão no ouvido para ver se não entra nem um, entendeu?*
[...]

Álvares: *O meu pensamento assim, agora, com essa história do Joãozinho, ali, pensei uma coisa comigo.*
[...]

[diz que saiu de casa com cinco anos, conta sua história sofrida] **Álvares:** *Sofri. Não vou dizer para você “nossa, estava na rua, tive a vida de herói, de luxo, fui cristo, rei, mago.” Mas uma coisa eu te digo, João, levanta-te, irmão, tua mão para o céu e agradece ao Senhor Jesus que nós temos esses beliches para nós dormir (EXCERTO 1, OFICINA LITERÁRIA 1).*

Aqui, observamos como a arte mobilizou relações com suas vidas. Não foi incomum, ao longo das Oficinas, as temáticas, as vivências presentes nos textos suscitarem comentários, memórias dos usuários. Os enunciados de João Cabral revelam descontentamento em relação às condições do Abrigo, que não lhe são confortáveis, logo, seu discurso é carregado de avaliação negativa quanto às instalações a ele ofertadas. Houve um claro embate de ideias, em que Álvares, usuário de 32 anos, mobilizando suas vivências nas ruas, responde-lhe que, em comparação, João Cabral deveria ser grato por ter beliches em que dormir. Álvares apresenta um discurso marcado pela ideologia religiosa, que prega a gratidão a Deus pelos que este lhes deu. É possível depreender dos discursos do usuário que sua vida foi muito marcada pela religião, servindo-lhe de ferramenta para lidar com as intempéries da vida, como se pode ver no excerto que se

segue. Quando adolescente, explica que, como o protagonista do conto, também sentia vergonha. Em seu caso, enxergava em si mesmo defeitos físicos, que o afastavam da escola. Então conta-nos da ajuda que teve de uma amiga:

Álvares: *Ela olhou bem para mim, me abraçou, ela pegou, me abraçou, me levou para dentro do pátio do colégio, chamou a diretora, me "ponharam" sentado na sala e todos os outros colegas que tavam do lado foram para frente, assim, do quadro negro, e falaram assim pra mim: "Álvares, se tu te envergonhares de você, não tenha medo, porque o mestre lá em cima não tem vergonha do jeito que ele te mandou. E se você tem vergonha, tu vai ter medo, e do medo vai vir o remorso, do remorso vai vir a 'perca' da tua vida. Bola pra frente porque tu é igual a todos." Aí foi aí que eu fui começando a me envolver, né? [na escola] (EXCERTO 2, OFICINA LITERÁRIA 1).*

Desse modo, a conexão com a divindade, de certa forma, ajudou-lhe a superar a vergonha, a sentir-se aceito, acolhido, a voltar a frequentar a escola. O contato com a alteridade, com o outro, com o discurso religioso o constituiu como sujeito, faz parte de sua consciência, faz parte do modo como enxerga o mundo, de modo que discorda de João Cabral. Nas palavras de Bakhtin (2011c, pp. 294-295, grifos do autor):

Eis por que a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como um processo de *assimilação* – mais ou menos criador – das palavras do outro (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos.

No excerto a seguir, Lygia, usuária na casa dos 30 anos, formada em Pedagogia, teceu um diálogo entre o texto e sua vida:

Lygia: *O, Patrícia, eu te agradeço, viu? Assim, porque eu estava meio assim, como fala no texto, também, muitos ressentimentos assim, né? Estava triste e estou mais feliz agora.*

Patrícia: *Ah, que coisa boa!*

Lygia: *Aí eu pensei numa frase assim que "ler é o viver mais", né? (EXCERTO 3, OFICINA LITERÁRIA 1).*

O enunciado da usuária expressa gratidão em relação à ação desenvolvida no Abrigo, demonstrando sentir-se afetada pelo texto literário, tendo seu humor transformado positivamente. Seu discurso demonstra a valoração positiva em relação à literatura. E o trecho "ler é o viver mais" demonstra como, por meio da arte literária, somos

capazes de sair de nossas vidas e nos conectarmos com outras vivências, acena o poder de deslumbramento causado pela fruição estética e como se faz importante em nossas vidas. A frase remete-se à uma ideia muito associada à literatura. Em pesquisas em mecanismos de busca, não a encontramos atrelada a um único autor, mas encontramos a ideia expressa em diferentes construções linguísticas, e nos remete a valoração que a nossa cultura dá ao livro literário. Assim frases como “Um leitor vive mil vidas antes de morrer. O homem que nunca lê vive apenas uma” (George R. R. Martin)ⁱ parece ressoar no enunciado da usuária, o que nos remete ao conceito de dialogismo, do Círculo.

Sobre essas vozes dos outros que permeiam nossos discursos sem nos apercebermos, Amorim (2009, p. 12) explica que “Há um momento no processo de criação em que a palavra do outro foi tão inteiramente assimilada que ela se torna anônima e o autor passa a acreditá-la como sua.”

Por outro lado, a frase também poderia se remeter a longevidade associada à leitura, como no caso da chamada do jornal Estadão, do dia 12 de janeiro de 2016: “Ler é viver mais e melhor” (LER... 2016) que se remete aos benefícios da leitura à saúde. Porém, tendo em vista a esfera de produção, o enunciado da usuária relaciona-se ao primeiro sentido, ligado à vida e à potência de cocriar e recriar ao ler.

Observamos, nessa usuária, uma relação diferente com o literário, sua formação no Ensino Superior a aproximou da literatura, pois, em outros momentos, contou-nos ter passado pelo curso de Letras antes de optar pela Pedagogia. Observamos com isso que o contexto extraverbal é fundamental para compreender seus enunciados, possibilitando perceber assim relações que implicam as valorações dos sujeitos no uso da linguagem. Ainda, observamos com essa usuária a diversidade de pessoas do contexto do Abrigo. Tê-la presente nas oficinas possibilitou percebermos que muitos com formação e profissão estão desamparados no mercado de trabalho por outras questões da vida pessoal.

Na Oficina Literária 2 discutimos em torno do conto *Caça-dotes* (RODRIGUES, 2012). No conto, Suzana, moça de família rica, sofre violência doméstica do marido, Norival – o Caça-Dotes –, mas defende-o, pois é apaixonada, não vive sem seus carinhos. Findada a leitura do conto, perguntamos aos usuários suas opiniões, impressões.

Manuel: Tem um ditado que diz: “Deus dá asa para quem não sabe voar”.

Ferreira: E ela é uma burra [ri]. Pelo que eu entendi ela é uma burra, cara, né?

Cruz: É, mas o dom do amor, né. O que o amor não faz, né. Cega as pessoas.

Ferreira: Não, não é assim, não, né. A mulher ficar apanhando na cara de marido e ficar defendendo o cara é porque é burra [inaudível] ficar apanhando de homem só por causa de um beijo, por causa de uma relação, de um algo a mais que se apaixonou, vai deixar ficar apanhando na cara de homem barbado? Não existe isso aí, velho, pelo menos na minha opinião é isso. Não existe, não existe.

[...]

Eça: Isso daí foi só um exemplo. Como nós, como já teve muitos que nós vimos. Tem senhoras aqui que já foram para o centro de recuperação com o marido, saíram do centro de recuperação, foram para a rua, vieram para cá e o marido cai na cachaça, nas drogas e elas vão. Não sei se é amor, sei lá o que que é que vai junto, na verdade (EXCERTO 4, OFICINA LITERÁRIA 2).

Iniciamos com a fala de Manuel, que mobiliza outro discurso com que teve contato, um ditado, proveniente da sabedoria popular, para descrever a situação da moça do conto. Endinheirada, poderia estar vivendo bem, não tem razão para estar se submetendo à violência de Norival. O discurso revela discordância quanto ao comportamento de Suzana.

Enquanto Ferreira faz um julgamento mais severo da conduta da moça, mostrando até certa indignação, Cruz parece compreender, de certa forma, as nuances do comportamento humano, entendendo que, por vezes, o apaixonamento acaba por fazer com que aceitemos o inaceitável. Eça, por sua vez, relaciona a temática do conto com a sua vida, ao trazer histórias que testemunhou de mulheres que seguiam os companheiros para onde fossem, mesmo que isso significasse o abandono de seus tratamentos de dependência de drogas. Demonstra não compreender a motivação de tais mulheres, como se, em seu lugar, priorizaria a si e ao seu tratamento.

Aqui, o gênero dos falantes parece constituir o modo como enxergam a história da personagem. A alteridade, o outro que Suzana representa lhes parece distante, incompreensível. É como se as consciências tivessem dificuldades em encontrarem-se – enxergando, aqui, Suzana como uma consciência portadora de uma voz própria, diferente da voz do autor e das outras personagens, remetendo-nos, aqui, ao conceito de polifonia de Bakhtin –, pois, para Bakhtin, a compreensão advém do encontro de consciências. É evidente que os usuários foram capazes de compreender o texto, seus acontecimentos, as condutas do Caça-Dotes e de Suzana, mas, axiologicamente, divergem desta, dão valor diverso à integridade física, à dignidade em detrimento do afeto.

Parece-nos razoável que todos concordem que a situação em que vive Suzana é indesejável, a própria moça, no texto, reconhece seu sofrimento. Como nos ensina Valeska Zanello (2016 *apud* ZANELLO; PORTO, 2016, p. 111), psicóloga e pesquisadora de gênero, referindo-se à socialização feminina e masculina: “Em nossa cultura, em geral, os homens aprendem a amar muitas coisas e as mulheres aprendem a amar os homens. A relação monogâmica heterossexual implica quase sempre esta dissimetria de investimentos e dedicação”.

Neste sentido, os enunciados da pesquisa corroboram com o que Zanello (2016) acena e a entonação de indignação e julgamento dos participantes enfatizam como, por meio da leitura do literário, é possível pensar a vida, os encontros e as relações vivida por eles no Abrigo e fora dele. Assim, percebemos que a literatura é potente ao trazer à tona assuntos complexos que por vezes são silenciados e evitados nos contextos em que as pessoas vivem.

A seguir, na Oficina Literária 3, discutimos a obra *A empregada do doutor Heitor* (BRAGA, 2001). A tônica da crônica é a rotina esmagadora de todas as personagens: não importa se é patrão ou empregada, todos estão infelizes e estagnados em suas vidas.

Federico: *Essa, esse último parte do da crônica, aqui ó: “cantando e marchando”, aqui ó: “marchando e cantando”, quer dizer, e eu não quero mais essa, ser humilhado. Quero ter uma nova vida, novas perspectivas de vida como o seu Antônio falou, é, começar do zero, de novo e tal, com mais leveza, ou de boa, sem se apegar no passado recente, que muitas vezes para um de nós aqui, para todos nós aqui é um fardo. Ele tinha [?] mesmo a gente não querendo, cada um de nós aqui, a gente carrega um fardo que a senhora nem sabe, só quem passa, quem convive com nós é que sabe nossas angústias (EXCERTO 5, OFICINA LITERÁRIA 3).*

Federico refere-se ao trecho da crônica em que o narrador se remete aos garotinhos pobres que cantam às ruas: “Ide, garotos de Vila Isabel. Ide batendo as mãos, marchando e cantando. Ide, filhos do samba, ide cantando para a vida que vos separará e vos humilhará um a um pelas esquinas do mundo” (BRAGA, 2001, p. 4), relacionando-o às suas vivências, explicando que se vê no trecho citado, mas almeja uma vida nova, com mais possibilidades. Quer esquecer das humilhações do passado, quer sentir-se bem, esperançoso. Demonstra, ao fim de seu enunciado, que acredita que a pesquisadora não compreende suas vivências: “quem convive com nós é que sabe nossas angústias”, demonstrando perceber um certo distanciamento entre nós. No contato com a pesquisadora, ouvindo, dialogando,

respondendo, pode perceber a alteridade, como nossas vivências divergem. O usuário fez um julgamento de seu interlocutor, o que refletiu em seu discurso.

Neste sentido, aqui percebemos o quanto a literatura abre possibilidade de ler-se e ler o outro e o mundo. Somente no contato com o texto literário, que é diferente do texto científico, jurídico, técnico é que podemos mobilizar relações múltiplas com o humano que somos, com a vida que nos cerca e com outras possibilidades de vida que sequer imaginamos existir. Para Petit (2020, p. 24), antropóloga que estuda a relação de pessoas em contexto de marginalização com a literatura: “[...] as leituras ajudam pessoas a construírem-se, a descobrirem-se, a tornarem-se um pouco autoras de suas próprias histórias, mesmo em contextos sociais bastante restritivos”.

Nesse movimento que nos encontramos com o literário eventualmente nos é tirado o chão, pois na palavra literária nem sempre é o conforto que encontramos. Diferente da palavra bíblica, por vezes a literatura nos provoca com o inusitado, com o que não conseguimos ver, para, nesse sentido, mobilizar-nos e provocar-nos. Assim, podemos pensar sobre o que vivemos e outros potências a serem vividas.

Ao longo das discussões, Carlos, sujeito de 28 anos, tomou a palavra, e, com muita sinceridade, explicou não entender como a Oficina podia lhe ajudar:

Carlos: *Uma das coisas que nós temos no dia a dia é conversa, né, tipo, a senhora trouxe um papel, remunera, paga alguém, vai lá bota no bloco fecha ele. [Referindo-se às fotocópias que fizemos dos textos e que lhes entregamos]. Da nossa existência, a vida é, realidade, sabe, não sei como é que é comportamento diário de alguém que ensina sobre história [refere-se à literatura] que nem a senhora. Não sei se é livro competente, incompetente, se ajuda, não ajuda, mas, basicamente, pô, meu dia a dia é sombrio, desanimado, né. Por mais que a gente consiga dar um passo daqui ali, que nem esse cara falou, não, ele assim nem beleza, [inaudível] tamo junto, mas o nosso dia a dia mesmo fica assim, é difícil dizer, daqui eu quero uma vida melhor, daqui eu quero um emprego melhor, uma família, uma casa, um carro. Outros, sim, né, de vez em quando vem gente, conversa com a gente aí que, tipo a [nome da psicóloga], né, acompanhamento psicológico. Então nós temos várias coisas que se encaixam, mas isso daí eu nunca vi, não (EXCERTO 6, OFICINA LITERÁRIA 3).*

Tendo em vista a escassez de atividades educativas dentro do AMBLU, para este usuário, tratava-se de uma vivência nova, de modo que nos questionou da sua “utilidade”, procurando saber se o conto é “competente” ou não, se ajuda ou não, comparando a ação às outras promovidas dentro do Abrigo. O seu relato explicita as dificuldades psicológicas

que vem passando, relata desânimo, falta de perspectiva frente à vida, comum a pessoas na condição de rua.

Quando diz: “Então nós temos várias coisas que se encaixam, mas isso daí eu nunca vi, não”, Carlos questiona o propósito da ação, sua reação a ela, seu posicionamento axiológico denota certa desconfiança. Explicamos-lhe que, por vezes, a literatura encontra-nos indiferentes, às vezes dela tiramos algo, às vezes, não. Como elucida Cechinel (2020, p. 80), é preciso que estejamos dispostos à perda de tempo, à improdutividade, “sem promessa alguma de satisfação do consumidor” ao fim da leitura.

Aqui, observamos que nossa ação e insistência na leitura “improdutiva”, apenas fruitiva, mobilizou no usuário uma relação de deslocamento da necessidade da leitura na sua vida, no seu cotidiano. Para que ler? Para que essa atividade? A partir dos estudos de Sánchez Vásquez (1968) e Marx (1978) observamos que vivemos num contexto no qual o trabalho produtivo nos motiva a realizar ações e mais ações cotidianas em prol de uma estrutura capitalista que nos anestesia diante da nossa capacidade de apenas apreciar a vida, de realizar trabalho humano criativo. Assim, ler, apreciar música, dançar, apreciar uma obra de arte, e até mesmo contemplar uma paisagem requer do ser humano um tempo e uma disposição outra que não é a da produção capitalista.

Para alguns é necessário, no processo, buscar formas de articulação entre esse fazer outro da fruição e de pensar a vida e criar a vida, com a funcionalidade da linguagem aplicada para outras formas de trabalho humano. Curiosamente, depois de a pesquisadora mediadora mencionar que é professora de Língua Portuguesa, no momento em que propusemos uma dinâmica envolvendo a escrita, pediu-lhe que checasse seu texto quanto à correção gramatical. Além disso, Carlos seguiu participando de oficinas posteriores, mesmo posicionando-se, a princípio, de maneira desconfiada.

Na Oficina 4, reunimo-nos em torno das crônicas *O detetive de Florianópolis* e *O detetive de Florianópolis e o crime da rua João Pinto* (HAMMS, 2012). Nos textos, Domingos Tertuliano Tive, desempregado, em conversa com seus botões, decide tornar-se detetive e, depois de fazê-lo, vê-se bem-sucedido, ora pela malandragem, ora pela perspicácia. No texto, aparecem as cidades de Florianópolis e Lages, o que suscita relatos dos usuários sobre suas relações com as cidades, ora por elas visitadas, ora habitadas. Ao conversar sobre Florianópolis e o “manezinho da ilhaⁱⁱ”, Fernando comenta:

Fernando: *Manezinho da ilha essas coisas, eu não sei falar é, fumar um lá escondido assim [inaudível], ver o mar, tipo o Fernandinho, aquele cara que estudou alguma coisa sobre isso, areia da praia. O cara mais calmo, né. Não sei se tu já ouviu falar da música do Fernandinho [mais adiante, ele lembra que o artista é Armandinho, não Fernandinho].*

Fernando: *[cantarola] Na cachoeira, fumando um.
[...]*

Fernando: *Não, não, mas coloca aí, só para nós se alegrar, aí. Procure “Ursinho de dormir” [canção de Armandinho].
[...]*

Fernando: *Estamos em poucos aqui, né? Dá para falar sobre alguma coisa.
[...]*

Fernando: *Dá uma olhadinha nesse refrão aí. “Ursinho de dormir” (EXCERTO 7, OFICINA LITERÁRIA 4).*

Aqui, Fernando, ao falar de Florianópolis, remete-se à vida tranquila, de que faz avaliação positiva, mencionando o contato com a natureza, o “fumar um” – cigarro de maconha –, citando o artista de quem é fã, que canta sobre o estilo de vida aludido por Fernando. O usuário pede-nos, reiteradamente, findada a leitura das crônicas, para que ouçamos a canção “Ursinho de dormir”, explicando que, dado o grupo pequeno – apesar de oito usuários estarem presentes no início, alguns saíram, outro cochilava –, poderíamos falar de “alguma coisa”, implicitamente referindo-se à droga. Sabemos disso pelo contexto das discussões e pela letra música sugerida por Fernando.

Aqui, o conteúdo linguístico dá indícios de alteridade, de Bakhtin e o Círculo. Para os intelectuais, os interlocutores moldam o discurso do locutor, de modo que a relação que Fernando enxergou entre ele, seus colegas de Abrigo e a pesquisadora, refletiu no assunto que trouxe à baila. Julgou que o grupo receberia seu discurso de maneira não discriminatória, vexatória, podendo, confortavelmente, falar do que gosta sem medo de retaliação, contudo, utilizando-se de eufemismo para se referir à maconha, talvez por ser o modo como corriqueiramente a ela se refere, talvez para testar a aceitação do assunto perante o grupo. Tendo em vista o local em que se deu o enunciado – um Abrigo para pessoas em situação de rua que tem por foco o tratamento de dependências de drogas e proíbe a seus residentes o uso de drogas –, é interessante pensar que a Oficina Literária permitiu ao usuário se expressar sobre assunto que, dada outra circunstância, poderia não ser bem recebido dentro do AMBLU.

Caso se tratasse de uma das “palestras”ⁱⁱⁱ de instituição religiosa, provavelmente discursos como esse não se fariam presentes, isso evidencia o modo como o usuário percebeu a pesquisadora, como alguém para quem não precisaria censurar seu discurso. A arte está em estreita relação com a vida, logo, todos os assuntos pertinentes a esta concernem também à arte, de modo que, imerso no contexto da Oficina, o usuário viu-se livre para falar do assunto. Isso nos alegra, pois, promovendo o encontro entre pessoas em situação de rua e arte, almejávamos esta liberdade, almejávamos que o ambiente criado fosse tranquilo o suficiente para que os usuários pudessem se expressar livremente.

Além disso, é evidente que o ambiente da Oficina se fez propício ao assunto “uso recreativo de drogas” por influência da voz que emerge do texto de Hamms, com a qual o grupo entrou em diálogo. A crônica traz uma linguagem cotidiana, um protagonista malandro, bem-humorado, que aplica golpes e ganha a simpatia do leitor. Enquanto que, por outro lado, em outras oficinas os temas dos textos literários eram mais sérios, tratavam de questões sociais, levando as discussões para outras direções.

Oficinas literárias: contexto do encontro entre arte e vida

Diante de obras literárias, os usuários do Abrigo Municipal de Blumenau mobilizaram suas memórias, suas vivências, suas opiniões, travando um diálogo entre si e a obra. Ficou-nos claro como o literário suscita, por meio das temáticas que aborda e da linguagem de que se utiliza, relações com a vida dos leitores, estando presente em grande quantidade dos enunciados analisados. Percebemos ainda, por meio dos discursos dos usuários, como estes foram capazes de pensar e repensar suas vidas. Compreender isso, ao nosso modo de ver, enfatiza o papel da literatura como arte na vida das pessoas, pois ela nos desloca, faz-nos pensar em como vivemos e em como podemos viver com os outros, nos contextos em que vivemos e como isso reverbera em como nos constituímos. Assim, os leitores:

[...] elaboram um espaço de liberdade, conferem sentido à sua vida e encontram, ou reencontram, energia para escapar de becos sem saída nos quais se sentiam presos, especialmente em contextos críticos (PETIT, 2020, p. 24).

Ao longo da investigação, percebemos: que a ideologia permeou os discursos, havendo embate de ideias quando aquelas contrastavam; a influência da palavra do outro em discursos dos usuários; a alteridade quando um usuário molda seu discurso tendo em vista seu interlocutor; as vivências dos usuários influenciando o modo como enxergam a

literatura; como o gênero dos usuários constitui seus modos de enxergar o mundo; como o grupo e a obra em torno da qual se discute influenciou a menção a assuntos controversos dentro do contexto do Abrigo.

Entendemos que investigações que aproximam pessoas em situação de marginalização ao literário são relevantes para que possamos compreender com mais clareza e reiterar a importância da literatura em nossas vidas, não podendo ser deixada de lado em espaços educacionais guiados por currículos que pretendem à formação integral do sujeito.

Ainda, a presença do mediador cultural se faz necessária, para promover tais encontros, para selecionar com olhar sensível e também fundamentado obras que tenham potência de reverberar tendo em vista o grupo com que se trabalha. Se, no Abrigo, um dos objetivos é a ressocialização dos sujeitos, entendemos, portanto, que a oferta de atividade artístico-culturais mediada por pessoal capacitado seja imprescindível para o alcançar.

Referências

AMORIM, Marília. Memória do objeto – uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 8-22, 10 sem. 2009.

ANDERSON, G. L. HERR, K. O DOCENTE-PESQUISADOR: A INVESTIGAÇÃO-AÇÃO COMO UMA FORMA VÁLIDA DE GERAÇÃO DE CONHECIMENTOS. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v. 2 n. 1, p. 4-24 Fev/Mai. 2016.

ARMANDINHO. **Ursinho de dormir**. São Paulo: Movieplay: 2007. CD (4 min 3 s).

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. O autor e a personagem na atividade estética. In: _____. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 3-192.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: _____. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011b. p. 307-335.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011c. p. 261-306.

BRAGA, Rubem. A empregada do doutor Heitor. In: _____. **200 crônicas escolhidas: as melhores de Rubem Braga**. 17 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto Editora: Porto, 1994.

CECHINEL, A. **Literatura, ensino e formação em tempos de Teoria:** (com “T” maiúsculo). Curitiba: Appris, 2020.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

LER é viver mais e melhor. **Estadão.** São Paulo, p. 1-1. jan. 2016. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/viva-mais-e-melhor/ler-e-viver-mais-e-melhor/>. Acesso em: 28 mar. 2023.

FONSECA, Rubem. Fazer as pessoas rirem e se sentirem felizes In: _____. **O melhor de Rubem Fonseca.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

HAMMS, Jair Francisco. O detetive de Florianópolis. In: _____. **O detetive de Florianópolis.** 2 ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012a.

HAMMS, Jair Francisco. O detetive de Florianópolis e o crime da rua João Pinto In: _____. **O detetive de Florianópolis.** 2 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012b.

MARTINS, Mirian Celeste. Expedições instigantes. In: MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura.** 2 ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Mirian Celeste. Sala de aula: experiências para além das visitas/expedições. In: MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura.** 2 ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos.** 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

PETIT, Michèle. A leitura como potência: cinco questões para Michèle Petit. Entrevista concedida a Tiago Ribeiro Santos e Karina Zendron da Cunha. In: NEITZEL, Adair de Aguiar; CERVI, Gicele Maria; MORAES, Taiza Mara Rauen (org.). **Mediações do literário.** Curitiba: Editora CRV, 2020.

RODRIGUES, Nelson. Caça-dotes. In: _____. **A vida como ela é....** 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, A. **As idéias estéticas de Marx.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. **Linguagem & Ensino,** Pelotas, v. 21, n. esp., | FESTSCHRIFT | Hilário Bohn, p. 13-44, 2018.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. **Domínios de Lingu@Gem,** Uberlândia, v. 10, n. 3, p. 1076, 26 Ago. 2016. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. <http://dx.doi.org/10.14393/dl23-v10n3a2016-15>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/33006>. Acesso em: 19 jan. 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. Estilística do discurso literário I: O que é linguagem/língua? (1930). In: _____. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaio, artigos, resenhas e poemas. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019a.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado (1930). In: _____. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaio, artigos, resenhas e poemas. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019b.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

ZANELLO, Valeska; PORTO, Madge (org.). **Aborto e (não) desejo de maternidade(s)**: questões para a psicologia. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016. 175 p. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/publicacoes/livros/page/2/>. Acesso em: 12 fev. 2023.

Notas

ⁱ Escritor estadunidense de livros de fantasia, ficção científica e terror. Ficou muito conhecido por sua série de livros *As Crônicas de Gelo e Fogo*, adaptada para a televisão entre 2011 e 2019 pelo canal HBO.

ⁱⁱ “Manezinho” ou “manezinho da ilha” é o gentílico utilizado para designar os nativos de Florianópolis, capital de Santa Catarina.

ⁱⁱⁱ Ao longo do percurso, percebemos que qualquer atividade realizada em grupo dentro do Abrigo era referida, tanto pelos usuários e servidores, como “palestra”. Em dado momento, nossas oficinas também foram chamadas de palestras.

Sobre as autoras

Patrícia Gonçalves Jorge

Mestra em Educação pelo Programa de em Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau (FURB) e graduada em Letras mesma universidade. Membro do grupo de pesquisa Arte e Estética na Educação, vinculado à FURB.

e-mail: patriciagjorge@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5457-9084>

Carla Carvalho

Doutora em Educação Pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). É professora no Departamento de Artes e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Artista Visual. É líder do Grupo de Pesquisa Arte e Estética na Educação (GPAEE). e-mail: carcarvalho@furb.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1402-7920>

Recebido em: 02/04/2023

Aceito para publicação em: 08/11/2023